

AS TEMPORALIDADES NA NARRATIVA: um encontro entre a História e o Jornalismo

THE TEMPORALITIES IN NARRATIVE: a meeting between history and journalism

Francilaine MORAES¹

Universidade de Brasília | Brasil

Carolina SOUZA²

Universidade de Coimbra | Portugal

Resumo

Na confluência entre os campos da História e do Jornalismo, o objetivo deste artigo é estudar a temporalidade na História do Tempo Presente. O trabalho investiga como as categorias dos "estratos do tempo" – singularidade, repetição e transcendência (Koselleck, 2014) – se manifestam na narrativa jornalística em meio impresso e web. O corpus abrange reportagens publicadas pela revista Veja referentes aos processos de impeachment presidencial de Fernando Collor, em 1992, e de Dilma Roussef, em 2016. Os resultados da análise revelam que as categorias repetição e transcendência se destacam na narrativa impressa e a categoria singularidade prevalece na narrativa web. Entre outras inferências, isso significa que as narrativas jornalísticas na web reforçam a perspectiva de presentificação temporal, em que o presente se destaca como tempo inacabado.

Palavras-chave

Temporalidade; Narrativa; História; Jornalismo.

Abstract

At the confluence between the fields of History and Journalism, the purpose of this article is to study temporality in the History of the Present. The research investigates how the categories of the "strata of time" - singularity, repetition and transcendence (Koselleck, 2014) - are manifested in the journalistic narrative in print and on the web. The corpus encompasses reports published by Veja magazine regarding the processes of presidential impeachment of Fernando Collor, in 1992 and Dilma Roussef, in 2016. The results of the analysis reveal that the categories repetition and transcendence stand out in the printed narrative and the singularity category prevails in the web narrative. Among other inferences, this means that journalistic narratives on the web reinforce the perspective of temporal 'presentification', in which the present stands out as unfinished time.

Keywords

Temporality; Narrative; History; Journalism.

RECEBIDO EM 03 DE NOVEMBRO DE 2017
ACEITO EM 21 DE NOVEMBRO DE 2017

¹ Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília – UnB (2014). Mestra em Comunicação pela UnB (2004). Graduada em Comunicação Social pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília – CEUB (1990). Graduada em Letras pela Universidade de Brasília (1989). Contato: moraesfranci@yahoo.com.br

² Mestranda em Comunicação e Jornalismo pela Universidade de Coimbra, Portugal. Graduada em Comunicação Social (Jornalismo) pelo Instituto de Educação Superior de Brasília. Graduada em História pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: cmoraesouza@gmail.com

O tempo na História do Presente

As questões sobre a natureza do tempo foram estudadas por Santo Agostinho no Livro XI de Confissões. Na obra, o autor questiona a si próprio e a Deus sobre as diversas noções de tempo que extrapolam a concepção cronológica e linear do antes, durante e depois. O autor indaga:

De que modo existem aqueles dois tempos – passado e futuro – se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade (1973, p. 244).

As questões colocadas por Santo Agostinho, no século IV, ainda suscitam análises e discussões. Nesse debate, ao propor uma teoria do tempo, Koselleck³ (2014) considera a divisão temporal em estratos, constituídos por diferentes durações e origens, passíveis de atuação simultânea. Segundo o autor, os “estratos do tempo” referem-se às formações geológicas que remontam a tempos e profundidades diversas nas quais se diferenciam umas das outras em velocidades divergentes no desenvolvimento da chamada história geológica. Para ele, tal concepção histórica permite perceber os “diversos planos temporais em que as pessoas se movimentam, os acontecimentos se desenrolam e os pressupostos de duração mais longa são investigados” (p. 19).

Ainda de acordo com Koselleck, os estratos podem ser definidos em três categorias determinantes: singularidade; repetição e transcendência. A singularidade se expressa, nos processos históricos, como uma constatação: é o singular e o diferente do hoje que nos atrai sobre o ontem. Além do singular, a História também é feita de estruturas repetitivas que organizam e planejam uma ordem lógica da vida e, inclusive, torna possível a ocorrência

³ Koselleck (2014) ressalta que os tempos históricos devem ser diferenciados dos tempos naturais, embora ambos se influenciem reciprocamente. O tempo natural consiste na contagem do percurso repetitivo do Sol, que remete às medidas temporais dos anos, meses, dias e horas. O percurso natural do tempo foi imposto ao ser humano, ainda que este tenha aprendido a calculá-lo e interpretá-lo. De acordo com o autor, a linguagem do tempo natural é preestabelecida e comporta um sentido incontestável.

de eventos singulares. A transcendência corresponde aos tempos históricos capazes de se estenderem por gerações uma vez que possuem uma explicação na longa duração. Tais categorias permitem “medir diferentes velocidades, acelerações ou atrasos, tornando visíveis os diferentes modos de mudança, que exibem grande complexidade temporal”. (p.22)

A partir da percepção das dimensões temporais (passado, presente e futuro) e suas combinações possíveis, Koselleck (2014) infere que “toda história é história temporal, e toda história foi, é e será uma história do presente” (p.33). As categorias de estratificação do tempo estão inseridas nas combinações das dimensões temporais.

O impacto dos acontecimentos do século XX, com destaque para as guerras mundiais, provocou o desejo incessante de reagir e explicar o presente; acrescido de uma demanda social por esclarecimentos oriunda da aceleração da comunicação e da informação. Koselleck (2006) reforça que foi sob o cenário da aceleração que se constituiu o tempo presente. Ele alega que o século XIX deixou o estudo do presente para segundo plano, renunciando à observação da atualidade, a qual, no século XX, não pôde ser ignorada. É nesse contexto que se consolida a História do Tempo Presente.

A difusão da categoria do tempo presente e sua institucionalização, principalmente na França, é, segundo Pereira (2009), um sintoma da emergência do ‘presentismo’, termo utilizado pelo autor a partir das ideias de François Hartog. O ‘presentismo’, segundo Hartog (2013), é um regime de historicidade que evidencia o presente como fator determinante da/na experiência histórica. Para Hartog, “o presente tornou-se o horizonte. Sem futuro e sem passado, ele produz diariamente o passado e o futuro de que sempre precisa, um dia após o outro, e valoriza o imediato” (p.148).

O presente, assim, mostra-se um campo de probabilidades na história que está em movimento, pois ainda não sabemos seu final. Mediante a noção de presente inacabado⁴, Ricoeur (1995) postula ser possível as previsões e as antecipações para compreender a história em curso. Todavia,

⁴ Ricoeur (1995), ao estudar o passado recente, distingue as posições de um tempo inacabado e um tempo terminado. O primeiro ainda está em curso, exigindo um estudo com antecipações e previsões nos quais os arquivos ainda estão em constituição. Já no tempo terminado, o evento se apresenta cristalizado e um desfecho pode ser definido. Tal discussão se apresenta na obra “Remarques d’un philosophe” (1995).

como seus arquivos estão em processo de constituição, não podemos concluir seu término.

A História do Tempo Presente foi, no século XX, a possibilidade de um “encontro frutífero entre historiadores sedentos de atualidade e jornalistas em busca de legitimidade histórica” (Rioux, 1999, p.119). É nesse encontro entre a História e o Jornalismo que este trabalho se situa e com o qual deseja contribuir por meio do estudo da temporalidade na narrativa jornalística⁵.

História do Presente e Jornalismo

O estudo do tempo na História do Presente adquire contornos peculiares devido à célere difusão das informações, especialmente a partir da popularização da web⁶ e pulverização das mídias.

Castells (1999) entende que o tempo e o espaço na internet são reconfigurados, pois permitem um formato de organização social (sociedade em rede), que altera não só as relações sociais, mas também as concepções sociais de tempo e espaço. Para o autor, a internet gera uma sensação de predominância do tempo presente, no qual se fundem o passado e o futuro. Essa organização é possível graças à possibilidade de as três dimensões temporais (passado, presente e futuro) interagirem entre si em uma mesma mensagem.

No campo do Jornalismo, Canavilhas (2004) explica que a internet traz uma ruptura no tempo colocando no mesmo plano o passado, o presente e o futuro, criando uma compressão do tempo entre o momento do acontecimento e o momento da pesquisa⁷. Passado e presente compartilham a mesma natureza; o passado torna-se presente no tempo da web, pois está disponível a qualquer momento, assim como o presente se torna passado quando transita para o arquivo. Nesse sentido, Palacios (2004) alega:

⁵ Como traço peculiar, que a distingue de outras modalidades, a narrativa jornalística compreende a arte de contar histórias da atualidade. Medina (2003) sintetiza: “O jornalismo faz da narrativa da atualidade sua matéria-prima” (p. 9).

⁶ Internet e web neste trabalho são considerados vocábulos sinônimos em referência à rede mundial de computadores.

⁷ Pesquisa significa aqui a procura pela reportagem ou pelo tema da reportagem que o usuário faz em sites de busca ou nos dispositivos de busca do próprio site do jornal.

Através de uma palavra-chave num motor de busca acede-se à informação de última hora, à de ontem, da semana passada, de há dois meses ou dois anos. Um novo fator para o jornalismo que tem na web a sua primeira forma de memória múltipla e cumulativa (2004).

O autor ressalta que a acumulação de informações e de memórias se torna mais viável e acessível na web em comparação às outras mídias. Dispondo de um espaço virtualmente infundável, a web permite a indexação de informações anteriormente produzidas e armazenadas, por meio da digitalização e do sofisticado sistema de recuperação de dados. É nesse sentido que a memória se apresenta múltipla, instantânea e cumulativa, como refere o autor. Múltipla, pois permite a união entre diferentes modalidades (texto, áudio, vídeo, imagem); instantânea porque oferece ao usuário (produtor e leitor) a possibilidade de ser recuperada rapidamente; cumulativa por alcançar, com facilidade e baixo custo, a indexação de informações.

Outra característica dessa memória, para Canavilhas (2004), é a apresentação de forma contínua e não cronológica, pois “fixa todos os momentos de um acontecimento” (2004). Segundo o autor, a notícia⁸ deixa de ser perecível e ganha, por meio da novidade, uma segunda-vida, na qual passa a constituir uma unidade de memória inaugurando novas propriedades de constituição.

Nesse diálogo, Palacios (2004) salienta que a notícia não apenas se transforma em memória na web, como também é um espaço de discurso para a memória. Segundo o autor, a memória é usada de maneira recorrente, de forma quase natural no relato da atualidade, por meio das comparações, analogias, convites à analogia, construção e desconstrução do presente pelo conhecimento do passado. Os entendimentos ora expostos servem de base para análise e discussão, a seguir.

⁸ Notícia, principal produto do processo jornalístico, é compreendida como “artefato linguístico que procura representar determinados aspectos da realidade” (Souza, 2002, p. 13).

Análise e discussão

Pelo método da análise de conteúdo⁹, este trabalho investiga as categorias dos “estratos do tempo” – singularidade, repetição e transcendência (Koselleck, 2014) – na narrativa jornalística em meio impresso e web. Por esse motivo, foram eleitos para integrar o corpus desta pesquisa dois episódios: o impeachment de Fernando Collor de Mello, em 1992, e o impeachment de Dilma Rousseff, em 2016. Desse modo, as reportagens veiculadas em edições impressas referem-se ao impeachment de Fernando Collor de Mello; as reportagens publicadas na web referem-se ao impeachment de Dilma Rousseff.

Para facilitar a comparação analítica, o corpus foi disposto em dois conjuntos temáticos referentes aos episódios dos impeachments:

1) Manifestações *pró-impeachment*: “A voz das ruas”¹⁰, edição impressa nº 1249 da revista Veja publicada em 26 de agosto de 1992, e “Dilma enfrenta o maior protesto popular da história democrática”¹¹, reportagem publicada no site de Veja em 16 de março de 2015;

2) Votação do impeachment: “Página Virada”¹², edição impressa nº 1255 da revista Veja publicada em 30 de setembro de 1992, e “Câmara aprova processo de impeachment contra Dilma Rousseff”¹³, publicada no site de Veja em 17 de abril de 2016.

Manifestações *pró-impeachment*

A reportagem “A voz das ruas” (meio impresso) trata da atuação da sociedade perante a condução do então presidente Fernando Collor, que durante o mandato (1989-1992) foi acusado de envolvimento em casos de

⁹ A análise de conteúdo é metodologia amplamente utilizada nas pesquisas em Comunicação, principalmente na análise de peças jornalísticas como fontes primárias de pesquisa. A análise de conteúdo, segundo Hecovitz (2007), permite a identificação sistemática de tendências e representações.

¹⁰ Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/#/edition/33293?page=30§ion=1>> Acesso em maio de 2017.

¹¹ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/dilma-enfrenta-o-maior-protesto-popular-da-historia-democratica/>> Acesso em outubro de 2017.

¹² Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/#/edition/33288?page=8§ion=1>> Acesso em maio de 2017.

¹³ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/camara-aprova-processo-de-impeachment-contradilma-rousseff/>> Acesso em maio de 2017.

corrupção. O texto da revista Veja menciona a capacidade dos grupos sociais de se organizarem em prol de uma vontade política. Chama a atenção também para o fato de que até então tais grupos eram pouco participativos.

A matéria inicialmente trata do florescimento de uma realidade capaz de alterar a ordem até então vigente, nesse sentido, a temporalidade da peça se insere na categoria singularidade. A reportagem apresenta a categoria repetição, notada em vários exemplos, como no primeiro subtítulo “Sem esperar pelos chamados dos políticos, o povo ocupa as ruas com o negro do luto e agora começa a resgatar o verde-amarelo da Nação”. Desse modo, o povo “resgata” a vontade de lutar em prol de suas vontades e direitos, em um movimento de repetição, que nesse sentido pode ser atribuído aos protestos anteriormente realizados, como as Diretas Já¹⁴. Percepção reforçada na frase: “quando se torna necessário, as ruas se encarregam de resgatar o orgulho e o símbolo da nação”.

Percebe-se a categoria transcendência em conceitos e representações. Noções como nação brasileira¹⁵ e as representações de movimentos sociais e políticos¹⁶ são construídas ao longo do tempo, têm significação e atribuição de sentido, as quais, embora consolidadas, ainda se apresentam em constante construção. Tais conceitos e representações revelam aspectos transcendência no tempo, ou seja, são fenômenos que “ultrapassam os limites do cotidiano” (Koselleck, 2014, p.25).

No subtítulo, “inconsciente coletivo”, a narrativa faz uso da memória e da comparação. Ao citar as diversas manifestações ocorridas no Brasil utiliza

¹⁴ Nos anos 1983 e 1984 ocorreram grandes protestos pelas eleições diretas. O movimento “Diretas Já” destacou-se pela capacidade de reunir milhares de pessoas pelo País em comícios. O processo de abertura democrática impulsionou o sentimento de pertencimento ao sistema democrático. Como apresenta Delgado (2007), “a presença de trabalhadores, estudantes, desportistas, jornalistas, políticos, artistas, intelectuais, clérigos e mulheres nas ruas e nas praças brasileiras correspondeu a um forte protesto contra a ausência de liberdades no Brasil” (p.4).

¹⁵ Fiorin (2009, p.117) explica que a construção da nacionalidade brasileira teve início ainda quando o país era uma colônia, cuja principal referência de representação era o seu monarca. D. Pedro I era português e renunciou ao trono para governar o Brasil. Esta e outras misturas de identidades nas representações sobre identidade brasileira estão presentes em obras como O Guarani, de José de Alencar; Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freyre; O cortiço, de Aluísio de Azevedo e outros.

¹⁶ Thompson (1998) alerta para o poder dos movimentos sociais na sociedade inglesa no século XVIII, destacando seus costumes e formas de agir perante as crises e o Estado. Para ele, os movimentos sociais são os germes das mudanças, revitalizações, inovações e configurações presentes e futuras, construídas ao longo de um período. As categorias – agir humano, experiência e relação entre o ser social e a consciência social e como as pessoas se relacionam com o mundo e com o trabalho – explicam as nuances dos sentimentos dos indivíduos sociais em suas experiências de vida.

processos repetitivos da História, expondo o viés cíclico de ocorrência de outras manifestações no País, permitindo a significação pela comparação.

Também é interessante notar que, como explicita o subtítulo, diversas pessoas tiveram “inconscientemente” a vontade de expressar sua indignação vestindo preto. Tal referência ocorre pelo entendimento coletivo da significação do luto e a representação do preto. Este processo de construção da significação só é possível pelo caráter de transcendência da temporalidade na qual se consolidou o conceito e a representação do luto¹⁷.

No subtítulo “protesto e carnaval” mais uma vez se utiliza aquilo que é recorrente, a repetição. A argumentação apresenta que, como em outras manifestações, o brasileiro mistura assuntos sérios com piada, transformando um protesto em um carnaval, lembrando situações ocorridas. Sob este argumento, faz uso da categoria transcendência, ao expor que integra a identidade do brasileiro essa postura, compreensão que requer construção elaborada ao longo do tempo.

Portanto, nota-se que nesta reportagem manifestam-se as três categorias da temporalidade. Todavia, há o predomínio da repetição e da transcendência, especialmente com a função de alicerçar a singularidade, isto é, com a preocupação de explicar e estabelecer a compreensão dos novos acontecimentos.

A reportagem “Dilma enfrenta o maior protesto popular da história democrática” (meio web) trata sobre a reação da presidente, de seus ministros e políticos apoiadores perante à manifestação a favor de seu impeachment. Explica como ocorreram os protestos nas maiores cidades do Brasil e como o governo se organizou para responder à indignação de parte da população com a gestão da presidente petista.

O título, o subtítulo e o lide apresentam tom informativo, com o objetivo de oferecer ao leitor dados numéricos, novas informações e desdobramentos da informação principal. Assim, a irrupção da novidade, peculiar à narrativa jornalística (Medina, 2003), traduz-se aqui no predomínio da categoria singularidade.

¹⁷ Segundo Pastoureau (2014), uma possível explicação para o preto corresponder ao luto e à morte é que estudiosos, a exemplo de Isaac Newton, haviam decomposto a luz e encontrado todas as cores do arco-íris exceto a cor preta.

Ainda que se apresente a categoria repetição na reportagem, como nos trechos sublinhados em “Ministros Rossetto e Cardozo falaram em defesa do governo — reciclando velhas propostas petistas, e sem sombra de autocrítica”; “O Brasil continuava a expressar sua indignação, com painelaços semelhantes ao que recebeu o pronunciamento em rede nacional de Dilma Rousseff há uma semana, no Dia da Mulher”, a reportagem preocupa-se, eminentemente, em oferecer ao leitor novas informações sobre como Dilma e seus ministros reagiram às manifestações.

Nesse sentido, os acontecimentos são relatados sempre como uma irrupção do novo, sendo que sua ocorrência apresenta-se como uma ruptura no percurso do tempo. Desse modo, prevalece a singularidade em detrimento das demais categorias.

Votação do *impeachment*

A reportagem “Página Virada” (meio impresso) destaca a vitória do impeachment de Collor e a relaciona com a vitória da vontade do povo e à celebração na qual se transformou o acontecimento. Trata também das formas de atuação do governo e da oposição para angariar os votos necessários e, ainda, sobre a reação do presidente durante e depois da aprovação do prosseguimento do *impeachment*.

De forma a ditar uma novidade, o texto traz novas informações sobre o ocorrido naquele dia, no entanto, prevalece uma visão analítica sobre o acontecimento. Vale destacar que essa perspectiva é típica do jornalismo de revista¹⁸.

Nessa reportagem, nota-se a mesma tendência observada na reportagem impressa “A voz das ruas”, isto é, uma prevalência das categorias repetição e transcendência. Esta se observa nos trechos “a Câmara escreveu uma página gloriosa em sua história”, “Fernando Collor de Melo é página virada da História Brasileira”. A narrativa busca, ao mencionar

¹⁸ Tavares e Berger (2009) analisam e conceituam a revista como uma publicação impressa de notícias que se diferencia do jornal pelo seu formato, periodicidade, temática e abordagem. Os autores afirmam que esse periódico se caracteriza por uma abordagem mais analítica, que pode ser confirmada pela verbalização de sua palavra – revistar – propondo, assim, exame ou análise dos fatos. Nesse sentido, a revista tem por objetivo opinar, comentar e interpretar.

a história brasileira, conceitos constituídos ao longo de um tempo espaçado e consolidado (transcendência). Também há transcendência no uso do recurso simbólico “cantou-se o Hino da Independência com fervor cívico”, pois envolve um processo que adquiriu o significado de gesto patriótico ao longo do tempo. Outro caso perceptível de transcendência é o trecho “Aos 23 ausentes, a História reservará a pecha de covardes”, que antecipa a construção de julgamento do acontecimento ao longo do tempo: daquele momento até um futuro.

A categoria repetição nota-se, entre outros, no trecho “Do ponto de vista político, a situação de Fernando Collor complicou-se desde que a Alegria, Alegria dos estudantes secundaristas inaugurou uma sucessão de manifestações populares”. O recurso simbólico “Alegria, Alegria” faz referência à música de Caetano Veloso e remete ao tropicalismo, nos anos 1967, e a 1992, em que a música retornou às rádios, pois fez parte da trilha sonora da novela “Anos Rebeldes”¹⁹. As manifestações sociais de 1992, ano do impeachment de Collor, foram iniciadas por jovens secundaristas que entoaram essa canção.

Já a reportagem “Câmara aprova processo de *impeachment* contra Dilma Rousseff” (meio web) relata como foi a votação na Câmara dos Deputados para o prosseguimento do processo de impeachment e também quais foram os argumentos e estratégias pró e contra governo para conseguir os votos necessários. Também no texto destaca-se a continuação do rito do processo que se seguiria após a aprovação e os possíveis motivos que levaram a tantos votos contra a presidente.

Similar à reportagem “Dilma enfrenta o maior protesto popular da história democrática” (v. 3.1), nesta as informações principais referem-se à irrupção do novo no seguimento da narrativa. Os acontecimentos que ganham foco revelam algo não ocorrido no passado. Assim, o relato do acontecimento, aquilo que se destaca como novo ou novidade na narrativa, apresenta uma duplicidade: o rompimento com a lógica do tempo e o reforço da sensação de presentificação. Isso significa, em outras palavras, um prolongamento do presente e a constante sensação de singularidade narrativa.

¹⁹ A novela “Anos Rebeldes”, exibida pela rede Globo, conta a história da relação de jovens com os movimentos políticos e sociais no País no período da ditadura militar.

Considerações finais

Nos conjuntos de reportagens analisados foram observadas as três categorias dos estratos do tempo (Koselleck, 2014). No entanto, as categorias repetição e transcendência se apresentam com mais ênfase nos textos do jornalismo impresso se comparados aos textos jornalísticos na web, em que prevalece a singularidade.

No material impresso, a análise das reportagens sobre o impeachment de Collor, em 1992, revelam que a repetição e a transcendência são usadas como recurso para alicerçar a singularidade. Isso pode indicar uma narrativa voltada à explicação dos acontecimentos. A narrativa apresenta e explica os fatos singulares do presente por meio de referências e comparações com o que ocorreu no passado (repetição), bem como pelo uso de conceitos e representações construídas ao longo do tempo (transcendência).

Nas reportagens produzidas para web nota-se a prevalência da categoria singularidade, com as categorias repetição e transcendência mais diluídas. Nas reportagens sobre o impeachment de Dilma, em 2016, há notícias sobre cada novo acontecimento sobre o caso. Esse fator pode estar relacionado à capacidade da web de disponibilizar o conteúdo em tempo real e sem limites, ao contrário do material impresso, com *deadlines*²⁰ e limitações de páginas. Como coloca Palacios (2010), “[...] na web, dissolvem-se (pelo menos para efeitos práticos) os limites de espaço e/ou tempo que o jornalista tem à sua disposição para a apresentação do material noticioso que produz” (p. 44). Desse modo, com maior fluxo de notícias, sem limitação de tempo e espaço, condensam-se informações dotadas de singularidade.

O maior uso da categoria singularidade indica também uma narrativa focada no presente. Essa particularidade, contudo, não significa que esse modo de narrar desvaloriza o uso da memória e do passado, mas que esses aspectos são organizados em outros formatos. Para ter acesso à memória e ao passado na web, é preciso que o usuário construa um caminho de leitura

²⁰ Para Marcondes Filho (2009), *deadline* é um termo em inglês que significa final da linha, ou último dia para se fazer algo. No jornalismo, o termo se refere ao momento em que o jornal vai para a máquina da prensa. Atualmente, nas redações, *deadline* significa o prazo máximo do fechamento da peça jornalística.

por meio da hipertextualidade²¹. Para Palacios (2010), os textos relacionados (Leia mais, etc), as *tags* e as palavras-chave dos textos estocados nos arquivos e bases de dados dos veículos incorporam elementos de memória na produção do texto.

Assim, pode-se inferir que as narrativas jornalísticas na web reforçam a perspectiva de presentificação temporal estudada pelos historiadores do presente. O texto da web, com suas características de hipertextualidade, multilinearidade e distintos modos de incorporação da memória, incentivam consubstanciar os estratos do tempo em um único espesso presente. Como Hartog (2013) e Ricoeur (1975) observam, o presente se destaca como um tempo inacabado, em que se suprimem – ainda que virtualmente – o passado e o futuro em um processo de frequente transformação, nos quais os arquivos estão em constante constituição.

Referências

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões: livro XI**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- CANAVILHAS, João Manuel. **A Internet como memória**. BOCC: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Covilhã - Portugal: Universidade da Beira Interior, 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-internet-como-memoria.html>>. Acesso outubro de 2017.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **Diretas-Já: vozes das cidades**. In: FERREIRA, J; REIS, D. (orgs.). *Revolução e democracia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 409-427.
- DOSSE, François. **História do tempo presente e historiografia**. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v 4, n 1, jan/jun. 2002, p. 5-22.
- FIORIN, José Luís. **A construção da identidade nacional brasileira**. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*. v. 1, n. 1, p. 115-126, 1º sem, 2009.
- HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

²¹ Segundo Moraes e Jorge (2011), o hipertexto é um modo de organização textual que tem como função unir sentidos, pois permite elaborar a relação entre diferentes conteúdos apresentados de forma unificada no espaço digital. Dessa forma, o hipertexto permite que conteúdos produzidos em diferentes momentos estejam unificados em uma única lógica textual, assumindo assim mais de uma temporalidade.

- HERSCOVITZ, Heloiza. **Análise de conteúdo em jornalismo**. In: LAGO, C; BENETTI, M. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007. p. 123-142.
- KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- MARCONDES FILHO, Ciro (org). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.
- MORAES, Francilaine; JORGE, Thais. **Gramática Hipertextual**: apontamentos sobre regularidades linguísticas no jornalismo digital brasileiro. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v.1, n.24, p. 103-114, jan-jun, 2011.
- PALACIOS, Marcos. **Jornalismo Online, Informação e Memória**: Apontamentos para debate. Trabalho apresentado no VII Congresso Latino-Americano de Ciências da Comunicação, da Associação Latinoamericana de Pesquisadores em Comunicação (ALAIC), realizado na Facultad de Periodismo y Comunicación da Universidad Nacional de La Plata, Argentina, 2004.
- PASTOUREAU, Michel. **Preto**: a história de uma cor. São Paulo: SENAC, 2014.
- PEREIRA, Mateus Henrique. **A Máquina da Memória**: o tempo presente entre a história o jornalismo. Bauru, SP: EDUSC, 2009.
- RICOEUR, Paul. **Remarques d'un philosophe**. Paris: La Decouvert, 1995. p.35-42.
- RIOUX, Jean-Pierre. **Entre história e jornalismo**. In: CHAUVEAU, A; TÉTART, P (Org.). Questões para a história do presente. São Paulo: EDUSC, 1999.
- SOUZA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.
- TAVARES, Frederico & BERGER, Chirsta. Revista. In: MARCONDES FILHO, C. (Org.) **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009. p. 310-311.
- THOMPSON, Edward. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

